



OS PROJETOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA NOS ANOS 1950-1970, REPRESENTAÇÕES POR MEIO DA IMPRENSA PERIÓDICA.

THE PROJECTS FOR THE DEVELOPMENT OF THE AMAZON IN 1950-1970, REPRESENTATIONS THROUGH PERIODIC PRESSURE.

Policleiton Rodrigues Cardoso¹ - Unifesspa
Eduardo de Melo Salgueiro² - Unifesspa

Agência financiadora: CNPq

Eixo Temático: Projetos de desenvolvimento para à Amazônia / História por meio da imprensa.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, almejamos contribuir em favor dos estudos históricos que têm como principal preocupação fazer uso da imprensa periódica para compreender, à luz da história, o mundo social tal como apresentado no tempo presente. Assim, percebemos a imprensa como objeto e fonte primária, a fim de compreender variados aspectos da história da região amazônica. Por meio de uma teoria e metodologia aplicada em fontes periódicas, foram constatadas informações importantes para que pudéssemos assimilar o percurso dos planos de desenvolvimento para a Amazônia.

Para a compreensão dos projetos pensados em favor do chamado desenvolvimento da Amazônia, houve a necessidade de uma aproximação da história política com a história da imprensa, entendendo a imprensa como um objeto de pesquisa histórica e percebendo no interior do periódico as “lutas simbólicas” que buscassem legitimar os discursos dos grupos responsáveis, bem como os embates de *representações* que podem ser percebidos mediante a percepção que as entende como “entidades que vão construindo as próprias visões do mundo social” (CHARTIER, 2009, p. 07).

Por meio da análise periódica dos jornais/suplemento houve a possibilidade de se compreender o contexto histórico que a Amazônia estava passando entre as décadas de 1950-1970, havendo a percepção de que as informações eram dadas de acordo com os ideais de cada periódico, sendo um regional e o outro advindo do Estado de São Paulo.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Utilizou-se na pesquisa histórica uma metodologia baseada na condução de fontes impressas, tomando alguns cuidados, visto que o objeto de análise deve ser manuseado com atenção para que não ocorra o seu manejo de forma equivocada com o seu emprego somente na concepção de “meras fontes de informação” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.256). Portanto, há diversos cuidados para não analisar a fonte periódica fora de seu contexto de produção, como se ela existisse descolada da realidade a qual foi produzida, negligenciando todo o processo histórico de sua fabricação. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 259).

As fontes utilizadas para a pesquisa histórica foram alguns suplementos da *Série Realidade Brasileira*, que é oriundo de São Paulo, dentre os suplementos usamos: Suplemento Especial da Folha de São Paulo, Série Realidade Brasileira. “Amazônia: a ocupação do vazio”, nº1, 28 de Abril 1968, São Paulo (SP); Suplemento Especial da Folha de São Paulo, Série Realidade Brasileira. “Amazônia: a filosofia dos grandes lagos”, nº 2, 5 de maio 1968, São Paulo (SP); Suplemento Especial da Folha de São Paulo, Série Realidade Brasileira. “Amazônia: os caminhos da ocupação”, nº 3, 12 de maio 1968, São Paulo (SP); Suplemento Especial da Folha de São Paulo, Série Realidade Brasileira. “Amazônia: dinheiro e desenvolvimento”, nº 4, 19 de maio 1968, São Paulo (SP); Suplemento Especial da Folha de São Paulo, Série Realidade Brasileira.

¹ Bolsista PIBIC/CNPq/Unifesspa. Estudante do Instituto de Estudos do Trópico Úmido. Unifesspa/Campus IETU/Xinguara. E-mail: policleiton2016@gmail.com

² Eduardo de Melo Salgueiro é doutor em História e docente no Instituto de Estudos do Trópico Úmido, departamento de História, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail: eduardomsalgueiro@unifesspa.edu.br

“Amazônia: um vazio cheio de riquezas”, nº5, 16 de abril de 1967, São Paulo (SP). Outra fonte de informação foram as edições do Jornal *Resistência*, de origem paraense mais especificadamente de Belém, dentre os utilizados estão: *Resistência*, nº01, março de 1978; *Resistência*, nº03, novembro de 1979; *Resistência*, nº04, julho de 1978; *Resistência*, nº07, dezembro de 1978; *Resistência*, nº09, fevereiro de 1979; *Resistência*, nº10, julho de 1979; *Resistência*, nº13, junho de 1980; *Resistência*, nº15, agosto de 1980; *Resistência*, nº16, setembro de 1980. Algumas das fontes utilizadas para a compreensão do processo de desenvolvimento amazônico.

A metodologia tem como pedra angular da pesquisa a percepção da imprensa como “força social ativa” e tal como pensada e problematizada pelo historiador Robert Darnton e pelas historiadoras Maria do Rosário Peixoto e Heloisa de Farias Cruz (2007). Percebe-se por meio dessa noção, que a imprensa teve um papel importante nos processos históricos e, com essa ciência que se faz necessário a utilização do nosso objeto de análise para a compreensão da “marcha” para o desenvolvimento da Amazônia pelo viés dos projetos políticos nos anos 1950-1970.

Ademais, é importante lembrar que como suporte teórico utilizamos o conceito de *representação*, à luz dos trabalhos da “Nova História Cultural”. Segundo Chartier (2011, p. 23) “As representações possuem uma energia própria que convence o mundo, a sociedade que o passado é mesmo o que elas dizem que é”. Assim, ao tratar desse conceito é percebida as “lutas de representações” que são constatadas como lutas simbólicas entre entidades/grupos para impor sua visão de mundo e a imprensa é o local ideal para tal construção, de acordo com Chartier:

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade. (CHARTIER, 1991, p.183)

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Amazônia foi palco de grandes projetos empreendidos pelo governo brasileiro nas décadas de 1950-1970, sendo alguns deles iniciados antes da segunda metade do século XX. Tais projetos desenvolvimentistas visavam alavancar seu “progresso” e “desenvolvimento”. Pensado por meio de grandes construções que propiciassem as melhorias na infraestrutura da região, os avanços deveriam ser vistos mediante as construções de aeroportos, portos, estradas, colonização e “ocupação”, etc. O contexto que engloba todos esses aspectos da Amazônia é rodeado de duelos simbólicos, de violência física, crimes, injustiças, dentre outros, tudo em nome da riqueza e do bem do Estado. Segundo o historiador Airton dos Reis Pereira (2013) que busca compreender a luta pela terra no Estado do Pará (especialmente no que diz respeito aos conflitos de terras marcados pela expulsão dos posseiros de suas terras pelos grandes empresários vindos em sua maioria do Sul do país), existe a noção de que o desenvolvimento foi marcado por uma série de contradições, que até os dias atuais promovem violência de todo tipo na região da Amazônia Oriental. As grandes empresas instaladas na região amazônica foram impulsionadas graças às políticas desenvolvimentistas que, por meio de incentivos fiscais, facilitavam sua acomodação na região. Deste modo, algumas dessas políticas auxiliavam no surgimento de cidades como assegura Pereira:

Muitos comerciantes e empresários formaram fazendas para criação de gado bovino e montaram serrarias para a exploração de madeiras, com vultosos recursos de incentivos fiscais provenientes dos projetos agropecuários, aprovados pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). As cidades de Redenção, Rio Maria e Xinguara surgiram em razão da instalação desses empreendimentos agropecuários e madeireiros. (PEREIRA, 2013, p.01)

Violeta Refkalefsky Loureiro e Jax Nildo (2005) estudaram o contexto paraense da década de 1960 com relação a questão fundiária, e perceberam que grande parte das terras do Pará eram pertencentes ao Estado, visto que não possuíam documentos que legitimassem a sua posse por indivíduos civis. Entre 1960-1970, havia a concepção de que o atraso econômico na região era advindo de dois problemas, sendo eles: a falta de capital e a insuficiência de infraestrutura que promovesse o desenvolvimento regional, sendo assim a forma que se via para desenvolver a região era por meio de atrair capital estrangeiro de outros pontos do Brasil e do exterior, para tal foi realizada as políticas de incentivos fiscais. Além disso, houve também a promessa de terras para “homens sem terra”, logo, daí surgiram todo tipo de conflitos.

Por intermédio do jornal chamado *Resistência*, que é classificado como alternativo que, para Kucinsky (1991, p.16) significa dizer que esta modalidade periódica “alternativa surgiu de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade.”. Pôde-se perceber a recepção que o grupo responsável tinha do desenvolvimento da região proposto pelos planos políticos vigentes na época, e também contra aqueles defendidos pela grande imprensa. Ao analisar o jornal *Resistência* adotamos a metodologia proposta por Luca (2005) que nos mostra a importância de tratarmos jornais tanto como fonte e objeto de análise, e assim fizemos buscamos a história do periódico. Logo após, procuramos as representações emitidas pelo Suplemento Especial da *Folha de São Paulo* chamado *Série Realidade Brasileira*. Este suplemento, percebido como “grande imprensa” – Para Luca (2008, p.149) a “grande imprensa” é “De forma genérica designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro”. - Assim, após traçarmos a história dos periódicos, buscamos elementos que os confrontassem a partir daquilo que Chartier chama de “lutas de representação”, percebendo como foram representados os sujeitos amazônicos nos dois periódicos, como foi percebido o desenvolvimento da região. A partir das imagens/representações que estigmatizavam percebemos de que forma elas foram recepcionadas e reformuladas para uma nova leitura. O diagnóstico das duas fontes – antagônicas por sinal – foi fundamental para perceber outras perspectivas que se tinham de um mesmo evento, uma advinda da imprensa alternativa com graves problemas e a outra da grande imprensa especializada, com grandes estruturas e grande capital, de lugares distintos, enquanto o *Resistência* era de Belém, a *Folha de São Paulo* era do Sudeste do país. Dentre os eventos com diferentes perspectivas pôde-se perceber o ideal de desenvolvimento, enquanto o jornal alternativo percebia as empresas multinacionais como uma forma de destruição da Amazônia para seus próprios interesses a “grande imprensa” – *Suplemento Especial da Folha de São Paulo* – entendeu que as empresas que queriam se instalar na Amazônia desejavam desenvolver a região trazendo consigo melhoramentos no âmbito social, econômico, e de sua infraestrutura.

Resistência, sua percepção de desenvolvimento:

[...] empresas, a princípio, por vantagens econômicas importavam a bauxita dos países detentores da matéria prima, e instalavam seus grandes complexos em seus próprios países de origem. Assim, a indústria do alumínio se desenvolveu nos Estados Unidos, Alemanha, Canadá, etc. (*Resistência*, março de 1980. p.18)

A percepção de desenvolvimento pela *Série Realidade Brasileira – Folha de São Paulo*:

Desenvolvendo intensas atividades sem qualquer alarme, vem uma entidade de classe, contribuindo, de maneira decisiva para o desenvolvimento da Amazônia [...] a evolução do parque industrial paraense, que em decorrência da lei de incentivos fiscais, está em plena expansão, com a instalação de 50 novas indústrias de médio porte. Dentro dessa evolução a entidade promove cursos, visando aperfeiçoar a mão-de-obra especializada, para atender as novas indústrias que se instalam no Estado. (*Suplemento Especial da Folha de São Paulo, Série Realidade Brasileira. n° 2, 1968, p.58*)

4. CONCLUSÃO

Nota-se o quanto a imprensa alternativa foi perseguida entre o período de 1960-1970, período do contexto ditatorial brasileiro, e o quão resistente foi o periódico *Resistência* com relação as suas concepções políticas que eram fortemente difundidas no interior de suas páginas, mostrando a sua posição contrária perante diversos planos políticos, manifestando-se principalmente contra a venda de terras do Estado, defendendo os posseiros contra aqueles “grandes empresários” que ocasionariam o desenvolvimento para a região. O suplemento da *Folha* apoiava os planos políticos do governo, dando força para o grande empresariado, e de certa forma, amenizava os conflitos e os problemas sociais da população, posição contrária ao *Resistência*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por conceder a bolsa que me possibilitou quase um ano de pesquisa, e ao Professor Drº Eduardo de Melo Salgueiro pela paciência de me orientar nessa jornada.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Helena F.; PEIXOTO, Maria do Rosário C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 235-270, dez. 2007.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky; PINTO, Jax Nildo Aragão. A questão fundiária na Amazônia. *Estudos avançados*. vol.19 no.54 São Paulo Maio/Agosto. 2005.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras. *História*. São Paulo, 22 (1): 59-79, 2003.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo (1890-1922). São Paulo, Edusp, 2001.

PEREIRA, Airton dos Reis. *A luta pela terra no sul e sudeste do Pará: migrações, conflitos e violência no campo*. 2013. 278 f. Tese (Mestrado em história) – CFCH (Universidade Federal de Pernambuco). Recife.

SALGUEIRO, Eduardo de Melo. História, imprensa e política: contribuições acerca do debate em torno da “mítica” neutralidade do jornalismo brasileiro nos anos 1950. *Revista de História da UEG*. V.05. n.01. 2016.

SALGUEIRO, Eduardo de Melo. *Fugir do estigma, avançar no desenvolvimento: Fausto Vieira de Campos, a Revista Brasil-Oeste e seu projeto para Mato Grosso (décadas de 1950 e 1960)*. 2016. 286 f. Tese (Doutorado em História). UFGD. Grande Dourados-MS.